



ENTRE O DIREITO DE VIVER E O DIREITO DE MORRER: DIGNIDADE, AUTONOMIA EM MAR ADENTRO

BETWEEN THE RIGHT TO LIVE AND THE RIGHT TO DIE: DIGNITY, AUTONOMY IN THE OPEN SEA

Giselle Miranda Menezes¹

Ana Paula Guimarães Coata²

Kalluany Genequele Carvalho Sousa³

Kleberon Silva Dos Santos⁴

Marisângela Balz⁵

Resumo: Este trabalho tem por objetivo analisar o filme Mar Adentro (2004), dirigido por Alejandro Amenábar, que retrata a história de Ramón Sampedro, um homem tetraplégico que luta pelo direito de decidir sobre a própria morte. A partir dessa narrativa, desenvolve-se uma reflexão sobre os dilemas éticos, psicológicos e subjetivos envolvidos no processo de morrer, especialmente em contextos de sofrimento extremo e ausência de possibilidade de cura. A discussão fundamenta-se em referenciais da Bioética e da Psicanálise, abordando conceitos como eutanásia, distanásia e ortotanásia, além do papel do psicólogo nos cuidados paliativos. A análise evidencia que o sofrimento humano ultrapassa a dimensão física, envolvendo aspectos emocionais, simbólicos e existenciais, o que exige o reconhecimento da singularidade do sujeito em seu processo de adoecimento e finitude. Nesse contexto, destacam-se as tensões entre valores éticos, sociais e jurídicos, especialmente no que se refere à autonomia do paciente e ao direito de decidir sobre a própria vida. Ressalta-se, ainda, a importância da atuação do psicólogo como mediador da escuta e facilitador da elaboração do sofrimento, contribuindo para a construção de um cuidado mais humanizado e sensível às necessidades do paciente. Assim, o filme possibilita uma reflexão sobre o sentido da vida, da liberdade e da dignidade, evidenciando a complexidade das decisões que envolvem o viver e o morrer.

Palavras-chave: Bioética. Cuidados paliativos. Eutanásia. Subjetividade. Finitude.

¹ Giselle Menezes – Curso de Psicologia, sétimo período, Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES.
Email: gisellemenezes@academico.unifimes.edu.br

^{2, 3, 4} Curso de Psicologia, quinto período, Centro Universitário de Mineiros UNIFIMES.

⁵ Docente do curso de Psicologia Centro Universitário de Mineiros – UNIFIMES.



Abstract: This study aims to analyze the film *The Sea Inside* (2004), directed by Alejandro Amenábar, which portrays the story of Ramón Sampedro, a quadriplegic man who fights for the right to decide about his own death. Based on this narrative, the paper develops a reflection on the ethical, psychological, and subjective dilemmas involved in the process of dying, especially in contexts of extreme suffering and absence of the possibility of cure. The discussion is grounded in Bioethics and Psychoanalysis, addressing concepts such as euthanasia, dysthanasia, and orthothanasia, as well as the role of the psychologist in palliative care. The analysis shows that human suffering goes beyond the physical dimension, involving emotional, symbolic, and existential aspects, which requires recognition of the subject's singularity in the process of illness and finitude. In this context, tensions between ethical, social, and legal values are highlighted, especially regarding patient autonomy and the right to decide about one's own life. It also emphasizes the importance of the psychologist's role as a mediator of listening and a facilitator in the elaboration of suffering, contributing to more humanized and sensitive care aligned with the patient's needs. Thus, the film enables a reflection on the meaning of life, freedom, and dignity, highlighting the complexity of decisions involving living and dying.

Keywords: Bioethics. Palliative care. Euthanasia. Subjectivity. Finitude.

INTRODUÇÃO

O debate sobre o direito à vida e o direito de morrer com dignidade tem ocupado posição central nas discussões contemporâneas no campo da Bioética, especialmente em contextos nos quais a medicina já não oferece possibilidades de cura, mas apenas o prolongamento do sofrimento. Nesses cenários, emergem questionamentos acerca dos limites da intervenção médica, da atuação dos profissionais de saúde e da autonomia do sujeito diante da própria existência. Conforme afirma Saunders (2006), “não se trata de apressar nem de adiar a morte, mas de permitir que ela aconteça de forma natural, com o maior conforto possível”, evidenciando que o cuidado ultrapassa a manutenção da vida biológica.

O filme *Mar Adentro* (2004), dirigido por Alejandro Amenábar, apresenta de maneira sensível tais dilemas ao retratar a história real de Ramón Sampedro, um homem tetraplégico que lutou, durante quase trinta anos, pelo direito de decidir sobre o próprio fim. A narrativa evidencia a complexidade envolvida nas decisões relacionadas à vida e à morte, colocando em tensão valores éticos, jurídicos, religiosos e subjetivos. Nesse sentido, a obra questiona uma



visão estritamente biologicista da vida, ao demonstrar que viver envolve dimensões como liberdade, identidade e sentido, como expressa o próprio personagem ao afirmar que “uma vida sem liberdade não é vida”.

Além disso, torna-se fundamental compreender que o sofrimento humano não se restringe à dimensão física, mas envolve aspectos emocionais, simbólicos e existenciais. De acordo com Kovács (2010) e Kübler-Ross (2005), o processo de adoecimento grave mobiliza sentimentos como medo, angústia e luto antecipatório, exigindo do sujeito uma reorganização interna diante da finitude. Nesse contexto, o psicólogo desempenha um papel essencial ao oferecer um espaço de escuta qualificada, possibilitando a elaboração dessas vivências e a construção de sentidos frente à experiência do adoecimento.

Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo analisar as dimensões éticas, psicológicas e subjetivas envolvidas no processo de morrer, discutindo conceitos como eutanásia, distanásia e ortotanásia³, bem como refletindo sobre a atuação do psicólogo nos cuidados paliativos⁴. Busca-se compreender de que maneira as decisões do paciente podem ser respeitadas em situações de sofrimento extremo, reconhecendo que, conforme destaca Kovács (2008), “o direito de decidir sobre a própria vida diz respeito também ao direito de decidir sobre o próprio morrer”. Ademais, considera-se o posicionamento do Conselho Federal de Medicina, especialmente a Resolução nº 1.805/2006 e a Resolução nº 1.995/2012, que tratam dos limites terapêuticos e das diretivas antecipadas de vontade⁵. Assim, a análise articula referenciais da Bioética e da Psicanálise, evidenciando que o cuidado, para ser ético, deve considerar a singularidade, os valores e os significados atribuídos pelo próprio sujeito à sua existência.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, de natureza teórico-reflexiva, desenvolvida a partir da análise do filme *Mar Adentro* (2004), dirigido por Alejandro Amenábar, cuja escolha foi proposta como atividade acadêmica. A abordagem qualitativa é compreendida como aquela que busca interpretar fenômenos a partir de seus significados,

³ Eutanásia refere-se à prática de provocar intencionalmente a morte de um paciente para aliviar sofrimento; distanásia diz respeito ao prolongamento artificial da vida por meio de intervenções desproporcionais; e ortotanásia consiste em permitir a morte natural, sem prolongamento artificial, garantindo conforto ao paciente.

⁴ Cuidados paliativos são abordagens que visam melhorar a qualidade de vida de pacientes e familiares diante de doenças ameaçadoras da vida, prevenindo e aliviando o sofrimento. Terminalidade refere-se à fase final da vida, quando não há mais possibilidade de cura.

⁵ CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução nº 1.805/2006 e Resolução nº 1.995/2012.



valores e contextos, sem a pretensão de quantificação ou generalização dos resultados (Minayo, 2001).

O referencial teórico adotado baseia-se em autores do campo da Bioética e da Psicologia, especialmente Pessini (2001), Kovács (2008; 2010) e Kübler-Ross (2005), além de documentos normativos, como as resoluções do Conselho Federal de Medicina (2006; 2012), que tratam dos cuidados no fim da vida. Esses referenciais fundamentam a discussão sobre eutanásia, distanásia, ortotanásia e cuidados paliativos.

Quanto aos procedimentos, inicialmente foi realizada a exibição e análise do filme, com atenção aos aspectos narrativos, diálogos e à construção dos personagens. Em seguida, foram realizadas leituras de textos acadêmicos (livros e artigos científicos) relacionados à temática da morte, do sofrimento e da bioética, com o objetivo de subsidiar a reflexão teórica.

Posteriormente, foram definidas categorias de análise, como autonomia, dignidade, sofrimento e direito de morrer, que orientaram a interpretação do conteúdo. Por fim, realizou-se uma síntese reflexiva, articulando o material fílmico com o referencial teórico, buscando compreender os significados envolvidos no processo de morrer e o papel do psicólogo nesse contexto.

Trata-se, portanto, de um estudo de caráter interpretativo, que não busca generalizações, mas a produção de reflexões críticas acerca do tema.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cuidado, dignidade humana e papel da família

A análise do filme *Mar Adentro* (2004) evidencia que a pessoa é muito mais do que sua doença ou condição física, sendo fundamental reconhecer sua totalidade no processo de cuidado. A doença não define o paciente, tampouco limita sua capacidade de sentir, significar e se relacionar. Compreender essa perspectiva é essencial para uma prática psicológica ética e humanizada, na qual o sujeito é visto para além de sua condição clínica.

Nesse contexto, a família exerce um papel central, não apenas como rede de apoio, mas como parte ativa da experiência de adoecimento e do enfrentamento da finitude. A construção de uma ponte entre paciente e família torna-se indispensável, sendo o psicólogo responsável por facilitar esse vínculo, fortalecer laços, mediar conflitos e ampliar espaços de escuta e compreensão.

O trabalho psicológico, portanto, organiza-se no sentido de auxiliar o paciente a elaborar sua experiência de adoecimento, compreendendo os impactos emocionais e simbólicos desse



processo. Como destacam Kovács (2010) e Kübler-Ross (2005), a vivência da doença grave envolve medo, insegurança, luto antecipatório e a necessidade de ressignificar a própria trajetória. Nesse cenário, o psicólogo contribui para a construção de um espaço seguro, no qual o paciente possa expressar seus sentimentos, reconstruir sentidos e enfrentar a doença com maior autonomia, tornando o cuidado psicológico um elemento essencial tanto da vida quanto do processo de despedida.

Eutanásia, distanásia e ortotanásia: limites éticos do cuidado

Dentro desse contexto ampliado, as distinções entre eutanásia, distanásia e ortotanásia tornam-se essenciais para a reflexão sobre a dignidade e a autonomia do paciente, conforme já definido na introdução (Pessini, 2001; 2004). No Brasil, a eutanásia permanece proibida e é juridicamente tratada como homicídio, embora existam debates éticos que problematizam essa questão à luz do sofrimento e da autonomia do sujeito.

No filme *Mar Adentro* (2004), essa complexidade se expressa de forma intensa na trajetória de Ramón Sampedro, que, após quase trinta anos em estado de tetraplegia, afirma não buscar piedade ou julgamento. Para ele, viver naquela condição já não correspondia ao que entendia como vida digna. Sua posição evidencia que não há rejeição à vida em si, mas à forma limitada e dependente pela qual era obrigado a vivê-la, revelando como autonomia, sofrimento e dignidade se entrelaçam no debate sobre a eutanásia.

No que se refere à distanásia, compreendida como o prolongamento artificial do processo de morrer, observa-se a presença da chamada obstinação terapêutica, que, segundo Pessini (2004), “prolonga a vida biológica às custas da vida existencial”, violando princípios éticos fundamentais. No filme, essa discussão aparece quando Ramón afirma que não pode morrer nem ser ajudado a morrer, restando-lhe apenas a obrigação de continuar existindo em uma condição que não escolheu, o que evidencia o sofrimento associado à manutenção de uma vida sem sentido para o próprio sujeito.

Por outro lado, a ortotanásia, eticamente aceita e respaldada por normativas do Conselho Federal de Medicina (2006; 2012), propõe permitir que a morte siga seu curso natural, evitando intervenções fúteis quando não há possibilidade de reversão. Como afirma Saunders (2006), “não se trata de apressar nem de adiar a morte, mas de permitir que ela aconteça de forma natural, com o maior conforto possível”, reforçando a importância de um cuidado centrado no sujeito.



Autonomia, bioética e direito de decidir

A partir dessas distinções, emerge um ponto central do debate bioético: a tensão entre o direito à vida e o direito de morrer com dignidade. A vida, enquanto valor fundamental, não deve ser confundida com a obrigação de manter uma existência puramente biológica a qualquer custo. Como afirma Saunders (2006), “não podemos acrescentar dias à vida, mas podemos acrescentar vida aos dias”, evidenciando que a dignidade está relacionada à forma como a vida é vivida.

Nesse sentido, quando o paciente compreende seu prognóstico e expressa seus valores, sua autonomia deve ser respeitada, desde que sua capacidade de decisão esteja preservada. O Código de Ética Profissional do Psicólogo (2005) reforça essa perspectiva ao estabelecer que a atuação deve se basear no respeito à dignidade e na promoção da liberdade e autonomia do sujeito. Assim, o psicólogo atua para garantir que decisões sobre tratamentos sejam tomadas de forma consciente, alinhadas aos valores do paciente e livres de coerção.

No entanto, o filme evidencia que essa autonomia nem sempre é reconhecida. A cena em que Ramón não é autorizado a se expressar no tribunal demonstra o silenciamento do sujeito, mesmo quando este possui plena lucidez. Como destaca Kovács (2008), o direito de decidir sobre a própria vida envolve também o direito de decidir sobre o próprio morrer, evidenciando a importância de reconhecer a voz do paciente.

Dimensão subjetiva do sofrimento e humanização do cuidado

No campo subjetivo, o processo de morrer envolve experiências emocionais complexas. Como aponta Kübler-Ross (2005), esse processo pode incluir fases como negação, raiva, barganha, depressão e aceitação. No contexto do filme *Mar Adentro* (2004), é possível perceber elementos dessas fases na trajetória de Ramón Sampedro, ainda que não de forma linear, evidenciando a singularidade com que cada sujeito vivencia o sofrimento e a finitude. O papel do psicólogo, nesse contexto, não é eliminar a dor, mas acompanhar o sujeito, validando seus sentimentos e oferecendo suporte para a elaboração emocional.

A afirmação de Saunders (2006) de que “quando não se pode curar, ainda se pode cuidar” reforça que o cuidado não consiste em eliminar o sofrimento, mas em estar com o outro de forma empática. Da mesma forma, a reflexão de Eliane Brum (2008), ao afirmar que “quando o corpo se torna objeto, o sujeito é sujeitado”, evidencia o risco de desumanização nos contextos de saúde.

Nesse sentido, o psicólogo atua resgatando a singularidade do paciente, sua história e seus significados. No filme, Ramón exemplifica essa dimensão ao relacionar sua identidade ao



mar, afirmando que “foi o mar que me deu a vida e foi o mar que a tirou”. Esse elemento simbólico revela a importância de compreender o mundo interno do paciente, permitindo que o cuidado vá além da doença e reconheça o sujeito em sua totalidade.

Intervenção psicológica e escuta psicanalítica

A partir da trajetória de Ramón, é possível compreender que o sofrimento não se restringe aos aspectos conscientes, envolvendo uma reorganização profunda da economia psíquica. A tetraplegia representa uma ruptura com o Eu corporal, conforme discutido por Freud (1923), gerando um sentimento de esvaziamento e perda de identidade. A fala de Ramón, ao afirmar que vive como “uma cabeça pensante presa a um corpo morto”, expressa essa cisão entre o Eu e o corpo.

A intervenção psicológica, nesse contexto, tem como objetivo acolher o sujeito em sua singularidade, oferecendo um espaço de fala e escuta. A Psicanálise possibilita que o paciente simbolize sua experiência por meio da palavra, favorecendo a elaboração do sofrimento e a construção de sentidos. Nesse processo, técnicas como a associação livre permitem que o sujeito expresse conteúdos inconscientes, enquanto a transferência evidencia a forma como vínculos e afetos são deslocados para o terapeuta. A contratransferência, por sua vez, refere-se às respostas emocionais do profissional diante do paciente, constituindo também um importante instrumento de compreensão clínica.

Entre os objetivos do trabalho, destacam-se a escuta do desejo de morte sem julgamento, a elaboração do luto do corpo perdido e a compreensão da posição subjetiva do paciente. O trabalho clínico organiza-se em eixos, como a elaboração do luto, a escuta do desejo e o acompanhamento da dinâmica familiar. Esta, frequentemente marcada por ambivalências, exige mediação para que conflitos possam ser elaborados.

A avaliação da intervenção não se baseia na redução de sintomas, mas na mudança de posição subjetiva, observando a capacidade do paciente de simbolizar sua experiência e sustentar seu desejo. Nesse sentido, o cuidado psicológico contribui para que o sujeito possa se reconhecer em sua história, mesmo diante das limitações impostas pela condição física.

Subjetividade, desejo e dignidade até o fim da vida

Por fim, a intervenção psicanalítica em cuidados paliativos não busca alterar o destino biológico, mas permitir que o sujeito permaneça como sujeito até o fim de sua vida. Como afirma Freud (1930), o sofrimento é inerente à existência humana, mas pode ser elaborado por meio da linguagem e da cultura.



No caso de Ramón, o objetivo do cuidado é restituir-lhe a palavra, o desejo e a dignidade subjetiva, mesmo diante da imobilidade corporal. Sua afirmação de que “a liberdade é um dos presentes mais valiosos que temos” sintetiza a centralidade dessa dimensão em sua existência. Assim, a Psicanálise não pretende devolver o movimento perdido, mas garantir que o sujeito continue existindo simbolicamente, com autonomia e sentido, até o momento final.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do filme *Mar Adentro* possibilita uma reflexão aprofundada sobre os princípios éticos e as dimensões subjetivas que atravessam a atuação do psicólogo, especialmente no cuidado com pacientes em situação de finitude. A trajetória de Ramón Sampedro evidencia que o sofrimento humano não se limita ao aspecto físico, mas envolve questões existenciais, simbólicas e emocionais, exigindo um olhar sensível e humanizado por parte dos profissionais de saúde.

A partir dessa perspectiva, torna-se evidente que a autonomia do paciente constitui um princípio fundamental no processo de cuidado, ainda que frequentemente entre em conflito com valores familiares, sociais e religiosos. No filme, observa-se que, mesmo diante da dor e da discordância, a família de Ramón opta por respeitar sua decisão, revelando que o cuidado pode coexistir com o reconhecimento da liberdade do outro. Esse aspecto reforça a importância de compreender que o respeito à subjetividade do paciente deve prevalecer, mesmo em situações que desafiam crenças pessoais e coletivas.

Além disso, a obra problematiza a concepção biologicista de vida, ao demonstrar que viver não se resume ao funcionamento orgânico, mas envolve liberdade, identidade e sentido. Conforme aponta Frankl (2008), o sentido da vida está relacionado à forma como cada indivíduo interpreta sua própria existência, sendo essa dimensão subjetiva essencial para a compreensão do sofrimento. Nesse contexto, o psicólogo desempenha um papel fundamental ao acolher essa singularidade, oferecendo um espaço de escuta que possibilite a elaboração dos sentimentos e a construção de significados.

Outro aspecto relevante refere-se à importância do cuidado humanizado nos contextos de saúde. Como destaca Saunders (2006), as pessoas importam até o último momento de suas vidas, o que implica reconhecer sua dignidade mesmo diante da morte. No filme, observa-se que, em diversos momentos, a subjetividade de Ramón é desconsiderada por instituições e discursos normativos, evidenciando o risco de silenciamento do sujeito. Dessa forma, o



psicólogo assume a função de resgatar essa voz, garantindo que o paciente seja reconhecido em sua totalidade.

Por fim, compreende-se que o cuidado ético não se fundamenta na imposição de decisões, mas na sustentação de um espaço em que o sujeito possa existir com dignidade até o fim de sua vida. Mais do que intervir, cabe ao psicólogo garantir que a voz do paciente não seja silenciada, reconhecendo-o como autor de sua própria história, mesmo diante da finitude. Nesse contexto, a escuta torna-se um ato ético, e o cuidado, um compromisso com a singularidade.

Assim, o processo de morrer deixa de ser apenas um evento biológico e passa a ser compreendido como uma experiência profundamente humana, atravessada por sentidos, desejos e conflitos. Mar Adentro, nesse sentido, não se limita a narrar o desejo de morrer, mas expõe, de forma contundente, que viver sem liberdade pode significar a perda do próprio sentido de existir. Desse modo, a Psicologia reafirma seu papel não como instância de julgamento, mas como campo de acolhimento, no qual a dignidade do sujeito é preservada até seu último instante.

No que se refere às limitações do estudo, destaca-se o fato de se tratar de uma análise baseada em uma única obra cinematográfica, o que restringe a generalização das reflexões apresentadas. Além disso, por se tratar de um trabalho de natureza teórico-reflexiva, não houve investigação empírica com participantes, o que limita a compreensão das vivências a partir de dados concretos. Como desafios, evidencia-se a complexidade de articular diferentes campos teóricos, como Bioética e Psicanálise, bem como a necessidade de lidar com um tema sensível, que envolve valores éticos, culturais e subjetivos diversos. Para estudos futuros, sugere-se a ampliação das análises para outros filmes ou narrativas que abordem a temática da morte e do morrer, bem como a realização de pesquisas empíricas com profissionais de saúde, pacientes e familiares, a fim de aprofundar a compreensão sobre a atuação psicológica em contextos de cuidados paliativos e terminalidade.

REFERÊNCIAS

AMENÁBAR, Alejandro. Mar adentro. Espanha: Sogecine, 2004. Filme (125 min).
BRUM, Eliane. **O olho da rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. São Paulo: Globo, 2008.

CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução CFM nº 1.805, de 28 de novembro de 2006. Dispõe sobre a limitação ou suspensão de procedimentos desproporcionais em pacientes fora de possibilidade terapêutica. Brasília: CFM, 2006.



CONSELHO FEDERAL DE MEDICINA. Resolução CFM nº 1.995, de 9 de agosto de 2012. Dispõe sobre as diretivas antecipadas de vontade dos pacientes. Brasília: CFM, 2012.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Código de Ética Profissional do Psicólogo**. Brasília: CFP, 2005.

FRANKL, Viktor E. **Em busca de sentido**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1914.

FREUD, Sigmund. O eu e o id. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1923.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1930.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Educação para a morte: desafios na formação de profissionais de saúde e educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano**. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth. **Sobre a morte e o morrer**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PESSINI, Leo. **Distanásia: até quando investir sem agredir?** São Paulo: Loyola, 2004.

SAUNDERS, Cicely. **Cuidando de quem está morrendo**. São Paulo: Paulus, 2006.